

## O gênero epigramático e o latim imperial

Leni Ribeiro Leite (UFRJ)

Marcial, poeta latino que viveu a passagem do século I para o século II d.C., tem sido admirado e odiado no decorrer dos séculos em que seus poemas viajaram de manuscrito em manuscrito, de edição em edição até os tempos atuais. A própria sobrevivência de sua obra atesta o interesse, embora flutuante, que sua obra despertou na posteridade. Conhecido por ter escrito uma obra exclusivamente epigramática, e ainda que auto-proclamadamente continuador de uma estética grega e, depois latina, Marcial é de fato o estabelecedor do gênero epigramático latino, que influenciou todo o epigrama posterior.

A fortuna crítica de Marcial é recheada de detratores de seu nome, especialmente em função dos poemas eróticos e satíricos, em grande número e espalhados por toda a sua obra. Muito da aversão à poesia de Marcial, no entanto, deve-se a reações de cunho social, moral e religioso, que não levam em consideração as condições históricas e o momento literário em que Marcial escreveu. Muitos porém admiram em seus poemas a ternura, o humor e o realismo. Marcial tem reconhecidos pela crítica como pontos altos de sua obra poética seu uso inovador da língua latina, no que tange o amplo vocabulário e o uso de expressões que remetem a outros poetas; sua técnica apurada no uso dos diferentes metros e metáforas vívidas; seu uso habilidoso de elementos da retórica. Queremos lembrar aqui,

porém, que muitas destas qualidades apontadas na obra de Marcial, ainda que sem dúvida marcadas pela inegável habilidade do autor, devem muito ao momento não só literário como lingüístico em que a obra se insere.

A crítica literária considera que Ovídio já é o iniciador de um novo período na história da literatura latina, que no entanto tem suas características desenvolvidas e estabelecidas de forma mais efetiva nos autores a ele posteriores. Tradicionalmente chamado de “Período de Prata”, tal nomenclatura nos deixa entrever o quanto de preconceito cerca o latim que não pertence ao “Período de Ouro”, ou seja, a época de Cícero, Vergílio, Horácio. O Período de Prata, que vai do primeiro ao terceiro século de nossa era, tem sido injustamente considerado pior do que o período anterior.

Mais modernamente, entretanto, estudos mais isentos tendem a ver apenas diferença, e não deterioração, no período cujas tentativas de renomeação vão desde um abrangente “Latim Imperial” ao uso do nome da família no poder, como Período Neroniano e Flaviano. As diferenças observáveis entre o latim de Cícero e o posterior podem ser divididas em dois tipos: as de estilo e as de vocabulário. Ambas encontram-se bem representadas na obra de Marcial, que produziu durante a época chamada Flaviana.

Estilisticamente, a literatura da Roma Imperial mostra a ascendência do treino retórico na educação dos romanos de então. O estilo de autores como Sêneca e Lucano é claramente declamatório – às vezes eloqüente, muitas vezes bombástico. O vocabulário exótico

e aforismos finamente polidos encontram-se espalhados aqui e ali, às vezes de forma tão importante que transparece o fato de que todo o trecho ou poema teria sido construído em favor do aforismo.

Muitos exemplos são facilmente encontrados na obra de Marcial tais como:

Non est, crede mihi, sapientis dicere vivam.

Sera nimis vita est crastina: vive hodie.

(I.15.11-12)

(Não é, acredite em mim, próprio do sábio dizer “eu viverei”.

A vida de amanhã é tarde demais. Viva hoje.)

Post te victurae per te quoque vivere chartae

Incipiant: cineri gloria sera venit.

(I.25.7-8)

(Os livros que viverão após você começam a viver

Através de você: a glória vem tarde para os mortos.)

Non bene, crede mihi, servo servitur amico:

Sit liber, dominus qui volet esse meus.

(II.32, 7-8)

(Acredite em mim, não é bom ser escravo de um amigo que é escravo:

Seja livre, quem quer que queira ser meu senhor.)

Marcial tem em seus poemas muitos exemplos do uso de figuras de linguagem praticadas e recomendadas na retórica: *accumulatio*, *amplificatio*, *chiasmus*, *emphasis*, *reduplicatio* (que ele usa ainda mais do que Ovídio). Algumas características retóricas em sua obra são patentes. Há, por exemplo, a notável preferência por aberturas dramáticas com pronomes dêíticos e adjetivos, muitas vezes com perguntas retóricas. Exemplos são fartos, como:

Issa est passere nequior Catulli,  
Issa est purior osculo columbae,  
Issa est blandior omnibus puellis,  
Issa est carior Indicis lapillis,  
Issa est deliciae catella Publi.

(I.109.1-5)

(Issa é mais travessa do que o pássaro de Catulo,  
Issa é mais pura do que o beijo de uma pomba,  
Issa é a mais encantadora de todas as meninas,  
Issa é mais preciosa do que as pérolas da Índia,  
Issa é uma cachorrinha, querida de Públio.)

Quis te Phidiaco formatam, Iulia, caelo,  
Vel quis Palladiae non putet artis opus?

(VI.13, 1-2)

(Quem não te julgaria, Julia, moldada pelo cinzel de Fídias  
Ou quem não te julgaria uma obra de arte de Palas?)

Laudat, amat, cantat nostros mea Roma libellos

Meque sinus omnes, me manus omnes habet.

(VI.60, 1-2)

(Louva, ama, canta minha Roma aos meus livros

Todos os bolsos, todas as mãos me têm.)

Oplomachus nunc es, fueras opthalmicus ante.

Fecisti medicus quod facis oplomachus.

(VIII.74)

(Você agora é um gladiador, antes você era um oftalmologista.

Você fazia como médico o que agora faz como gladiador.)

O objetivo, tal como nos discursos, é a dramaticidade, a vivacidade de uma cena, que se desenrola diante dos olhos do espectador, e que toca emocionalmente o leitor. Igualmente efetivo é o uso do imperativo, geralmente chamando a atenção do leitor com verbos do tipo “Veja!”: audi, lege, sume; ou com seus equivalentes interrogativos, como “aspice, aspicias”. Muitas vezes, Marcial inicia seus poemas com uma pergunta. Um belo exemplo disso, bem como do uso de figuras como o quiasmo, a anáfora, as antítese a aliteração e a duplicatio estão no poema I.57:

Qualem, Flacce, velim quaeris nolimve puellam?

Nolo nimis facilem difficilem nimis.

Illud quod medium est atque inter utrumque probamus:

Nec volo quod cruciat, nec volo quod satiat.

(Qual garota eu quero ou eu não quero, me perguntas, Flaco?  
Não quero uma muito fácil nem uma muito difícil.  
Aprovo aquilo que está no meio, algo entre os dois:  
Nem quero o que me atormenta, nem quero o que me sacia.)

Claramente, esses elementos são passíveis de serem encontrados em poemas anteriores, como por exemplo em Catulo, que Marcial considera seu modelo. No entanto, tais figuras e usos se encontram realçados ao máximo nos poemas do latim imperial, em função do impacto da retórica sobre a literatura deste período.

Quanto ao vocabulário, a literatura do primeiro século é marcada pelo interesse na extrema violência, na bruxaria, nas paixões extremas. Marcial tem um livro inteiro, chamado *De Spectaculorum*, acerca dos jogos do circo. Como não poderia deixar de ser, espanta aos olhos modernos a descrição de cenas terrivelmente sangrentas, de mortes às centenas, sem qualquer aparente preocupação humanitária.

Sob a influência do estoicismo, os deuses deixam de ser tão importantes, bem como o uso da mitologia, que é bem mais restrito, enquanto a fisiologia das emoções ganha em importância. Na obra de Marcial, as referências aos deuses são de maneira geral muito mais voltadas para o anedótico ou para o simbólico do que para qualquer tipo de crença religiosa. Excetuando-se os poemas que falam do culto imperial, em que as comparações mitológicas são claramente funcionais, suas alusões mitológicas são meras variações de idéias e expressões de uso corrente, freqüentemente acerca da inspiração

poética. Essa rejeição da mitologia como material artístico sério é deliberada, e é parte de um movimento maior na literatura do período de marginalização, por assim dizer, do épico, do lírico e da tragédia. No latim imperial não é encontrada a exploração do simbolismo latente da mitologia Grega e Romana, como se vê em Horácio, Vergílio, Ovídio ou mesmo em Sêneca, como exceção à época. Alusões mitológicas costumam aparecer de forma humorada, satírica, mas isto só vem reforçar o princípio.

A habilidade técnica e estrutural demonstradas na poesia de Marcial encontram paralelo em sua contraparte lingüística, tanto em termos de vocabulário quanto nas inovações poéticas. Livre da necessidade de escrever uma literatura de cunho “elevado” e moralista, distante dos ideais republicanos ou da época de Augusto, a literatura imperial se mostra muito mais rica pelo uso de coloquialismos, vulgarismos, citações arcaicas, elementos lingüísticos estrangeiros. Marcial se beneficia largamente dessas possibilidades, principalmente ao usar de expressões gregas em seus poemas satíricos, bem como no uso de palavras raras. De fato, um levantamento do vocabulário de Marcial mostra uma variedade impressionante, encontrada também em seu contemporâneo, Plínio.

Hesterna tibi nocte dixeramus,  
Quincunces puto post decem peractos,  
Cenares hodie, Procile, mecum.  
Tu factam tibi rem statim putasti  
Et non sobria verba subnotasti

Exemplo nimium periculoso:

“Misó mnamona sympótan”, Procile. (no original, em grego)

(I.27)

(Na noite passada, eu disse

Após, creio, quinze copos bebidos,

Que você ceasse comigo hoje, Procilo.

Você prontamente considerou tudo certo

E anotou minhas palavras nada sóbrias.

Eis um exemplo muito perigoso:

Procilo, não quero um companheiro de bebida com boa memória.)

Digna tuo cur sis indignaque nomine, dicam.

Frigida es, et nigra es: non es et es Chione.

(III.34)

(Eu direi por que tu és digna e indigna do teu nome.

Tu és fria e és negra: és e não és Chione.)

Comoedi três sunt, sed amat tua Paula, Luperce,

Quattuor: et “kóphon” Paula “prósopon” amat.

(VI. 6)

(Três são os atores na comédia, mas a sua Paula, Luperco,

Ama quatro. Paula ama até uma *persona muta*.)

Si tibi Mistyllos cocus, Aemiliane, vocatur,

Dicatur quare non Taratalla mihi?

(I.50)

(Se teu cozinheiro, Emiliano, chama-se Mystillos,

Por que o meu não pode se chamar Taratalla?)

Neste último, *Mistyllon t'ara talla* (eles cortam o resto) é parte de uma fórmula homérica, que ocorre, entre outros, na *Ilíada*, I, 465. Sendo *Mystillos* um cozinheiro, a piada era imperdível.

Sobre alguns termos, inclusive, pairam dúvidas: seriam aquelas palavras termos raros, porém conhecidos de seus contemporâneos, ou seriam eles neologismos, criados pelo gênio inventivo de Marcial? Especialmente encontrados nos poemas obscenos, os neologismos são ainda um reflexo da maior liberdade não só da época mas do próprio gênero que Marcial escolheu para verter sua poética. Um bom exemplo está em XI.77:

In omnibus Vacerra quod conclavimus

Consumit horas et die toto sedet.

Cenaturit Vacerra, non cacaturit.

(Vacerra gasta horas em todas as privadas

Sentado o dia todo.

Vacerra não quer cagar, e sim jantar.)

Há ainda como exemplos de possíveis neologismos do autor os termos *inevolutus*, *botrus*, *dractum*, *carnarius*, todos no livro XI.

Por fim, vale mencionar uma última característica muito prezada e pouco estudada na obra de Marcial, que se origina da já mencionada maior possibilidade de uso na língua poética estabelecida

durante o Império: o franco uso de metáforas, muitas vezes retiradas do dia-a-dia e da vida natural. Tomemos como exemplo o fechamento do poema I.107, acerca das agruras da vida de um poeta que escreve sem ter patronos adequados.

In steriles nolunt campos iuga ferre iuveni:

Ingue solum lassat, sed iuvat ipse labor.

(Os bois não querem levar o jugo em campos estéreis

Um solo duro cansa, mas o próprio trabalho é uma alegria.)

Como procuramos demonstrar brevemente, o latim do período imperial, aqui representado pelos epigramas de Marcial, guarda muitas dificuldades a quem procura neles os mesmos princípios norteadores e a mesma execução da poesia do período precedente; mas guarda muitas e agradáveis surpresas aos que o encaram em sua própria chave e em sua grandeza única.

## **Referências Bibliográficas**

MARTIAL. Epigrams. Ed. Trans. D.R. Shackleton Bailey. Cambridge: Cambridge, 1993.

MAYER, R. & ADAMS, J.N. Aspects of the language of Latin poetry. London: British Academy, 1999.

SULLIVAN, J. P. Martial, the unexpected classic. Cambridge: Cambridge, 1991.